

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA / METODOLOGIA DO ENSINO

### A ARTE (E O PRAZER) DE REFLETIR

### SOBRE O JORNALISMO EM SALA DE AULA

João Batista de Abreu;

[joaobajr@gmail.com](mailto:joaobajr@gmail.com)

#### RESUMO

Este artigo pretende resumir a experiência acumulada ao longo de 39 anos de magistério do ensino superior em Jornalismo e ao mesmo tempo propor uma reflexão sobre os desafios que se apresentam ao ensino na área diante das transformações proporcionadas pela tecnologia: a mídia digital, os novos formatos de consumo de informação e a perda do monopólio da informação por parte dos jornalistas.

#### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo, informação, linguagem jornalística, rotinas de produção

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

#### INTRODUÇÃO

Quem sabe faz, quem não sabe ensina. A frase sarcástica, que acompanha quase todas as profissões de nível superior no Brasil, reflete o velho embate entre o exercício profissional e a reflexão sobre a prática, algo como a intenção e



JORNALISMO



o gesto. Estudantes e professores de Jornalismo são atores do mesmo teatro de operações, a guerra de informações e a capacidade de refletir sobre o conflito de interesses. A distância entre aluno e professor está marcada no tempo e no lugar de fala de cada um, assim como a distância entre o proprietário do veículo de comunicação e o trabalhador intelectual. Ou, numa visão marxista, entre os detentores do capital e os fornecedores da força de trabalho. No caso específico do Jornalismo, o abismo se complica ainda mais porque o produto final é algo subjetivo como a informação. Nossa matéria-prima, a ideologia.

A dicotomia entre a academia e o mercado permeia o ensino universitário desde os tempos de jornalistas consagrados como Alcindo Guanabara e Casper Libero<sup>1</sup>. Da mesma forma, o tripé ensino-pesquisa-extensão constitui uma equação que nem sempre se resolve na prática; se nem mesmo nas universidades públicas, nas faculdades particulares nem se fala. A pesquisa aplicada em jornalismo revela-se indispensável em tempos de *fake news* e desinformação, mas a precariedade de recursos desestimula a investigação. A extensão neste tripé significa o maior elo de aproximação com a comunidade, que viabiliza com os impostos o funcionamento da universidade pública. A triste ironia desta equação é que a maior parte dos contribuintes que a mantém não tem acesso a este serviço público de qualidade.

O ponto de equilíbrio – se é possível encontrá-lo – estaria na relação entre o conhecimento assimilado e produzido na universidade e o exercício profissional ético e competente nos meios de comunicação. E também numa aproximação constante entre as duas faces da sociedade, na troca de informações e reflexões que justifica a frase do educador Paulo Freire que serve de epígrafe deste artigo.

## O MITO DA IMPARCIALIDADE

---

<sup>1</sup> Dois jornalistas que fizeram História no jornalismo brasileiro, cada a seu tempo. Alcindo Guanabara nasceu em Magé (RJ) em 1865, participou das campanhas abolicionista e republicana no Rio de Janeiro. Casper Libero nasceu em São Paulo em 1910, começou como repórter de polícia e em oito anos comprou o próprio jornal onde trabalhava. Foi o criador da corrida São Silvestre.



JORNALISMO





Clóvis Rossi, no livro “Vale a pena ser jornalista?”, pergunta qual o papel do jornalismo num país tão rico e desigual como o Brasil. O jornalista revê a visão de seu primeiro livro “O que é jornalismo” (São Paulo, Brasiliense, 1980). “Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos, leitores, telespectadores ou ouvintes”.

Seis anos depois, em pleno período de redemocratização, após 21 anos de autoritarismo, com sérias consequências para a liberdade de expressão e o exercício do jornalismo, Rossi reconhece que algumas coisas mudaram ao longo daquele curto período e refaz a resposta: “a função do jornalista é, também, conquistar mentes e corações para a causa da justiça social, ingrediente que jamais pode ser dissociado da democracia, sob pena de esta perder a substância”. Rossi adverte: “A batalha pelas mentes e corações não pretende impor uma visão unilateral das coisas. Seria antidemocrático. (...) Cabe ao leitor tirar as conclusões, desde que lhe seja fornecido, competentemente, todo o quadro que cerca o acontecimento”.

A palavra competência aparece então como o cerne da questão da formação profissional de nível superior. Desde os tempos de Joseph Pulitzer, criador de uma das maiores redes de jornais nos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX. Nascido na Hungria e naturalizado norte-americano, Pulitzer foi um dos principais doadores para a fundação da escola de Jornalismo na Universidade de Columbia, em Nova York. Ficou conhecida a frase a ele atribuída: “a única atividade que dispensa treinamento é a de idiota”. <sup>2</sup>

Ao defender o curso universitário de Jornalismo, Pulitzer reconhece a importância do aprendizado prático nas redações, assim como acontece com os advogados e médicos recém-formados nos escritórios de advocacia e nos hospitais, mas salienta o valor de reunir numa escola especializada os

<sup>2</sup> PULITZER, Joseph. “Sobre el periodismo”, Madrid, GalloNeto, 2001. Título original: The school of Journalism in Columbia University, the power of public opinion



conhecimentos necessários ao exercício do jornalismo. “Os jornalistas necessitamos de um sentimento de classe, baseado não no dinheiro, mas na ética, na educação e na reputação”. (PULITZER, 2001, p. 40).

Os professores devem alertar os estudantes para o fato de que algumas profissões exigem dedicação em tempo integral. Não no aspecto da jornada de trabalho, mas da postura ética. Jornalistas que usam botons, fazem declarações nas redes sociais ou frequentam reuniões partidárias fora do horário de trabalho correm o risco de ser confundidos com militantes. Recomenda a conclusão de Plutarco, na biografia de Cesar: “Não basta à mulher de Cesar ser honesta, há que demonstrar honestidade”.<sup>3</sup>

Os mestres da faculdade precisam mostrar aos estudantes a diferença entre jornalistas e o mundo artístico, fronteira aparentemente tênue, sobretudo quando se trata do telejornalismo. Jornalistas não são artistas e, por isso, dispensam pseudônimo. Nem há espaço para arroubos de celebridade. Já ironizava o jornalista gaúcho João Rath, o mais longo subeditor nacional de **O Globo**. “Jornalista é aquele sujeito que ganha 10, gasta 100 e pensa que vale mil”. Em “*A regra do jogo*”, Cláudio Abramo frisa que não há distinção entre a ética do jornalista e a do cidadão.

“Sou jornalista, mas gosto mesmo é de marcenaria. Gosto de fazer móveis, cadeiras e minha ética como marceneiro é igual à minha [ética como jornalista. Não existe uma ética específica do jornalista; sua ética [e a mesma do cidadão. (...) A empresa tem sua ética, que é a dos donos. Pode variar de jornal para jornal, mas o que os jornalistas deveriam exigir seria um tratamento mais ético da empresa em relação a eles e seus colegas. (...) É preciso uma atitude muito ética dentro da profissão: os chefes e os responsáveis pelo jornal têm de dar o exemplo ao pessoal mais novo, senão é o caos. Um chefe de redação que tolera hipocrisia e golpes

---

<sup>3</sup> A frase de Plutarco inspira-se na história segundo a qual um jovem patricio, apaixonado por Pompéia, esposa de Cesar, infiltra-se disfarçado de mulher em uma festa religiosa que era exclusiva de mulheres, para tentar um encontro com ela e, ao que pareceu, com sua anuência. Mas ele acaba descoberto e o fato é levado ao tribunal, pois ele cometera uma profanação religiosa. Cesar repudia Pompéia, mas não se manifesta contra o patricio e, por isso, é questionado de estar agindo de modo contraditório. Segundo Plutarco: “Por que então repudiaste tua esposa? Porque, respondeu Cesar, julguei conveniente não estar minha esposa nem mesmo sob suspeita”]



JORNALISMO



baixos contra funcionários do jornal perde a ética e o direito de usar essa palavra”. (ABRAMO, 1989, p 109).

Permitam-me discordar do mestre artesão, mas o jornalista não pode colar adesivos político-partidários nos móveis da redação. Já o marceneiro...

Recordo-me das aulas de Nilson Lage na UFF da década de 1970. Ex-chefe de redação da **Última Hora** e editor nacional de **O Globo**, este ex-estudante de Medicina foi um dos primeiros profissionais com carreira respeitada a ingressar no até então pouco explorado mundo acadêmico da Comunicação Social. “A matéria-prima do jornalismo é a ideologia”, afirmava Lage em sala de aula. Informação e ideologia correm juntas em linhas paralelas que se encontram no infinito. Aprender a conviver com estas duas linhas paralelas e tentar evitar que elas convirjam são desafios no exercício da profissão.

O livro “La formación de los periodistas em América Latina (México, Chile y Costa Rica), faz a mesma pergunta.

“Pode-se dizer que a função atribuída ao jornalismo moderno parece ser a de informar, interpretar e contextualizar a sociedade. Ainda que aceitando provisoriamente a caracterização funcional, é evidente que os três elementos que a definem – informar, interpretar e contextualizar – não mostram mais que a superfície de uma complexa relação social, em que os meios de comunicação têm o papel duplo de unidades de produção e de reprodutores ideológicos. Convém nos determos na fragmentação conceitual destes elementos, começando pela função da reprodução de ideologia.” BALDÍVIA, PLANET, SOLIS, GUERRA, 1987. p. 85).

E prosseguem os autores:

“Informar significa dar forma. Como os sujeitos submetidos à formação são seres humanos, é de supor a elaboração de uma mensagem dirigida ao conhecimento e proveniente de uma individualidade cognitiva. Neste caso, é a individualidade o que importa, porque é evidente que ela vai ao encontro da realidade com uma carga conceitual



JORNALISMO





JORNALISMO



prévia, que não faz outra coisa senão reproduzir as condições materiais e históricas de existência.” (idem, ibidem) <sup>4</sup>

Numa fábrica é de se supor que o produto final, fruto do tratamento da matéria-prima pela força de trabalho, atenda às expectativas do empregador e do empregado, mantidas as condições básicas e legais das relações de trabalho. Mas em um veículo de comunicação nem sempre é assim. A matéria jornalística – aqui entendida como produto – pode contrariar os interesses do anunciante e a linha editorial, incorporando um novo item ao que pode ser considerado como qualidade do produto final.

Como o professor de Jornalismo deve tratar o assunto em sala de aula? Não existe um manual, mas é possível buscar alguns caminhos. A primeira conclusão vem da filosofia hegeliana, segundo a qual não existiria somente uma verdade absoluta, mas sim diversos relatos fidedignos de acordo com o lugar social do enunciador, portanto, seu lugar de fala.

A questão traz à tona a ideia de objetividade, pilar básico da narrativa jornalística. Sem objetividade, o texto descamba para a opinião pura e simples e fica à mercê do interesse do enunciador. É preciso esclarecer o conceito de objetividade e tentar distingui-lo da ideia utópica de imparcialidade, algo ainda mais fluido e impalpável. A estratégia de um veículo de comunicação que arvora imparcialidade tende a ser vista como forma de escamotear sua linha editorial, o que vale tanto para sociedades democráticas quanto regimes autoritários. A tal imparcialidade recomenda diversidade. Ocorre quando os veículos de comunicação expõem em artigos ideias distintas sobre o mesmo tema e dão voz a interlocutores que pensam de forma diferente dos pontos-de-vista político, econômico e social. Um bom exemplo recente de mau jornalismo foi a cobertura da imprensa hegemônica dos trâmites legislativos da reforma da previdência. Na grande maioria dos veículos, só havia espaço para opiniões favoráveis de parlamentares, governantes, empresários e economistas.

<sup>4</sup> Vale frisar que o livro foi publicado em 1987, portanto muito antes da disseminação do jornalismo digital, que alterou determinadas lógicas discursivas e distribuição da informação.



JORNALISMO



O estudante de Jornalismo deve ser estimulado a pesquisar os períodos recentes da História – democráticos e autoritários – e compreender o papel e a estratégia dos meios de comunicação nestas temporalidades. Entender o que está por detrás dos diversos discursos de fontes e compreender a lógica ideológica destes discursos. Funciona quase como meta-investigação.

O passo seguinte é mostrar a importância da apuração; a coleta de dados, números, depoimentos e exemplos históricos que emprestarão credibilidade à narrativa jornalística. A reportagem é o cerne do jornalismo, embora nem sempre as condições de trabalho nas rotinas de produção permitam este mergulho no cotidiano, seja por falta de tempo – o ameaçador *deadline* – ou por falta de estrutura. Também a habilidade de trabalhar com números e estatísticas é determinante para avaliar o que tem valor-notícia e o que é empulhação travestida de dados numéricos.

Outro mestre da UFF e da UFRJ, que também passou pelas redações do Rio de Janeiro antes de se dedicar exclusivamente à academia, introduzia em sala de aula um conceito polêmico que ajuda a sustentar a credibilidade do enunciado. O professor Muniz Sodré destaca o conceito de verossimilhança. Para ser aceito pelo leitor/ouvinte/espectador é necessário que o fato narrado faça parte de seu universo de possibilidades. Do contrário corre-se o risco de penetrar no nebuloso terreno da fantasia. Donde se conclui que quanto mais o enunciador conhecer a realidade do público-alvo (outro conceito fundamental para o jornalismo) maior será a chance de alcançar audiência.

Deve-se estimular o estudante a aprender a observar o entrevistado; seus gestos, cacoetes, forma de olhar, sentar-se, expressões, jargões, reações de aprovação ou indignação e o silêncio. Deve-se ainda avaliar o grau de coerência entre o que se fala e o que se faz, novamente a intenção e o gesto. Certa vez, Muniz Sodré narrou em sala de aula uma experiência que viveu como repórter da revista **Manchete**, da editora Bloch. Fora escalado para entrevistar, num hotel luxuoso da Avenida Atlântica, em Copacabana, um sociólogo francês preocupado com os direitos humanos. Durante a entrevista, o repórter observou



JORNALISMO





JORNALISMO



que o sociólogo, enquanto discorria sobre a importância de garantir liberdade ao ser humano, martirizava uma formiga que, desesperada, tentava alcançar a borda do copo vazio. Quando a alpinista estava prestes a conseguir, o sociólogo virava o copo de cabeça pra baixo e a vítima tinha que repetir o percurso. Muniz fez questão de incluir na matéria este descompasso entre o dito e o feito.

O mesmo comportamento cabe no que diz respeito a políticos e governantes. Vale lembrar o episódio do então prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes, durante a campanha Lixo Zero, em 2013. Em visita ao bairro de Sepetiba, na Zona Oeste, Paes foi flagrado jogando papel de bala no chão diante de um séquito de assessores. Questionado pelos repórteres, alegou que havia atirado o papel para um assessor. A história ganhou chamada na primeira página dos jornais cariocas. Com a palavra Cláudio Abramo:

“A reportagem é uma narrativa, simplesmente uma narrativa. Ela depende muito do poder de observação do narrador, da maneira de transmitir essa observação em palavras e de saber concatenar bem a forma de expressá-la. Uma observação cuidadosa não é necessariamente uma boa reportagem. Mas uma reportagem é necessariamente o fruto de uma observação cuidadosa. Uma observação cuidadosa de um fato histórico pode se constituir história”. (ABRAMO, 1989, P. 111)

Por estas reflexões de Abramo uma das melhores definições de jornalista é a de cronista do cotidiano. Um bom repórter não faz História, mas relata episódios e contextualiza momentos que talvez entrem para a História.

Todo repórter deve ter um pouco do poeta Mário Quintana, que atentava para os detalhes do cotidiano, das cenas simples e das pequenas injustiças com as quais nos acostumamos e que atingem principalmente os chamados “seres invisíveis”. Algo como o aumento do número de moradores de rua nos grandes centros urbanos, as filas nos hospitais públicos ou em busca de emprego, o transporte lotado na hora do *rush*, o abuso policial na favela, a dependência do morador em relação ao tráfico e/ou à milícia. Nem sempre as autoridades estão atentas a essas distorções e o repórter acaba cumprindo o papel de cronista do cotidiano quando denuncia a naturalização do descaso com os mais pobres. “A



JORNALISMO





JORNALISMO



resposta certa não importa nada; o essencial é que as perguntas estejam certas”, ensina o poeta gaúcho e ex-colunista de cultura do *Correio do Povo*.

### Conto de fadas

O senso comum está repleto de narrativas questionáveis, mas absolutamente passíveis de ser verdade. Muitas delas remetem aos folhetos medievais, que demarcavam o campo entre o certo e o errado, o bem e o mal. Mitos como o da Cinderela, da Gata Borralheira, a Bela e a Fera e Robin Hood estão presentes nas páginas do jornal e do telejornal. Quase todos são aceitos como verossímeis pelo receptor e tendem a atingir altos índices de leitura e audiência. Fadas e heróis fazem parte do universo inconsciente do receptor. Muitas dessas narrativas se travestem de *fait-divers*, os fatos diversos das rubricas da página de cotidiano dos jornais franceses. O linguista Roland Barthes batizou com esta expressão as narrativas jornalísticas que dispensam conhecimentos prévios de política e economia para se fazer compreender.

“Nas sociedades atuais, a mais simples divisão das linguagens incide sobre a relação com o Poder. Há linguagens que se enunciam, se desenvolvem, se marcam na luz (ou na sombra) do Poder, dos seus múltiplos aparelhos estatais, institucionais, ideológicos; chamar-lhes-ei de linguagens ou discursos Encráticos. E, de outro lado, há linguagens que se procuram, se armam fora do Poder e/ou contra ele; chamar-lhes-ei linguagens ou discursos Acráticos.” (BARTHES, apud RAMOS, 2001)

E Barthes prossegue:

“Estas duas grandes formas de discurso não têm o mesmo caráter. A linguagem Encrática é vaga, difusa, aparentemente, ‘natural’ e, portanto, pouco identificável: é a linguagem da cultura de massa (imprensa, rádio e televisão) e é, também, num sentido, a linguagem da conversação, da opinião corrente (da doxa); toda esta linguagem Encrática e, ao mesmo tempo, clandestina (não podemos reconhecê-la facilmente) e triunfante (não podemos escapar-lhe): direi que ela é pegajosa. A linguagem Acrática, essa é separada, cortante, desligada da doxa (é, portanto, paradoxal); a sua força de ruptura vem-lhe de ser sistemática, construída sobre um pensamento, não sobre uma ideologia.” (Idem, ibidem)



JORNALISMO



No conto *O Patinho Feio*, o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen traz a questão do racismo e da intolerância da sociedade com o diferente, tema de interesse jornalístico, principalmente nos dias de hoje. Em terra de patos, cisnes não costumam ser bem vistos. O registro sobre preconceito racial e social presente nas lojas, bancos, na conduta policial e até mesmo no serviço público, como hospitais e escolas, tem o mérito adicional de alertar a sociedade para a intolerância com o diferente. Em tempo de redes sociais, as notícias desta natureza tendem a viralizar e ganham dimensão nunca vista antes. Para evitar injustiças e as temerosas *fake news*, a apuração correta torna-se imprescindível, com voz para todas as partes do imbróglio.

O terceiro instrumento de intervenção na narrativa diz respeito à linguagem. O domínio da língua – oral e escrita – mostra-se um recurso essencial por orientar o discurso no sentido desejado da apresentação dos fatos e das opiniões de terceiros. No discurso indireto livre, a escolha da estrutura frasal – os verbos, declarativos e de ação, os adjetivos e trechos de citação direta – permite ao enunciador conduzir o enunciado. Claro que o texto jornalístico funciona como um contrato de leitura, isto é, existe um espaço de intervenção/ interpretação no jogo entre enunciador e receptor.

O uso correto e atraente das línguas oral e escrita exige um vasto repertório vocabular, o conhecimento da norma culta, da informalidade e de elementos da análise sintática, para encontrar a estrutura narrativa mais adequada. Novamente recorro ao professor Nilson Lage, que adaptou os conceitos do livro “Comunicação em Prosa Moderna”, de Othon Moacir Garcia, ao discurso jornalístico. Garcia traz para a língua portuguesa a estrutura dualista, de inspiração aristotélica, do inglês Topic Sentence, o item primordial do parágrafo. No livro fala de tópico frasal e os vários modelos de desenvolvimento da narrativa. Lage vai comparar o item “desenvolvimento” aos argumentos documentais que fazem parte da apuração e assim sustentam a afirmação principal da frase ou da matéria jornalística.



JORNALISMO



Um bom repórter ou redator não precisa obrigatoriamente desses conhecimentos linguísticos para escrever um texto claro, objetivo e convincente, mas o domínio da estrutura frasal e discursiva ajuda o professor de Linguagem Jornalística ou Técnica de Redação a transmitir com facilidade e precisão os conceitos básicos de redação. A bagagem de leitura, seja de romances, crônicas, poesia ou reportagem, será fundamental para que o estudante conquiste autonomia de voo. Novamente com a palavra Paulo Freire: “É preciso que a leitura seja um ato de amor”.

O domínio do universo vocabular e das possibilidades sintáticas da língua portuguesa se constitui em instrumento essencial a qualquer jornalista, independentemente do suporte em que atua. Até 50 anos atrás, a profissão ainda tolerava jornalistas que não tinham texto final porque o corpo de copidesques conseguia preencher essa deficiência. Hoje, com a redução brutal dos postos de trabalho na chamada “cozinha” da redação<sup>5</sup>, isso é muito difícil.

A literatura está repleta de autores de narrativa descritiva da natureza, do ambiente social e de personagens, características presentes no texto jornalístico. Gente como Mark Twain, Euclides da Cunha João do Rio, Graciliano Ramos, Gabriel Garcia Marquez, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Antônio Callado, Eliane Brum, quase todos com passagem pelas redações. Três deles, Euclides, Braga e Callado, chegaram a atuar como correspondentes de guerra: Euclides em Canudos, na Bahia, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, o Braga pelo *Diário Carioca* ao lado da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, e Callado foi o primeiro repórter brasileiro a visitar o Vietnã do Norte. Não estou sozinho na recomendação.

“Quando dei curso (anos 80) na ECA, logo nos primeiros dias os alunos começaram a me pedir livros. Outra vez o vício da escola de mandar ler livros que nada têm a ver com a profissão. Mas reconheci o livro de Wiener, outro de Noam Chomsky, outro de Erwin Panofsky, mais um ou dois. Depois dei uma lista de romances e autores – Machado de

<sup>5</sup> “Cozinha” de redação é o nome que se dá aos jornalistas responsáveis pelo fechamento da edição, ou seja, redatores e editores.



JORNALISMO



Assis, Euclides da Cunha e Rubem Braga – para que aprendessem português e soubessem como se escreve. Sugerir que lessem grandes romances, se possível no original ou então por traduções confiáveis. Os alunos foram então se acostumando com meu jeito de dar aula e não me pediram mais livros.” (ABRAMO, 1989, P 251)

É preciso muito cuidado ao lidar com os neologismos, sobretudo quando eles vêm de autoridades. A suspensão de direitos trabalhistas não pode ser chamada de “flexibilização”; o corte de verbas não é “contingenciamento”, nem os empregados de uma empresa devem ser apelidados de “colaboradores” para escapar das regras legais de contratação. Pela variedade de vocábulos, a língua está repleta de armadilhas discursivas. Há que saber driblá-las.

Muitas destas armadilhas discursivas são produzidas por assessores de imprensa, os jornalistas do outro lado do balcão. E na maioria das vezes são criadas por autoridades, executivos ou empresários. Novamente estamos diante de uma batalha discursiva. A História do século XX está repleta de expressões desta natureza. “Cortina de ferro”, cunhada por Winston Churchill para nomear os países da Europa Oriental sob a órbita da União Soviética durante a Guerra Fria, ganhou status geográfico. O papel do repórter é compreender seu significado; entender por que está sendo empregada e encontrar um sinônimo que não seja eufemismo e tenha valor-notícia. Por exemplo, países da Europa Oriental ou signatários do Pacto de Varsóvia. Ou ainda, no início do século XXI, a falsa oposição entre “tropas aliadas” e “extremistas muçulmanos no caso das guerras no Afeganistão e no Iraque.

As agências internacionais de notícias, geralmente vinculadas a um grupo hegemônico, são as principais propagadoras de conceitos e expressões que conduzem a interpretações enviesadas de conflitos e disputas de poder mundo afora. O etnocentrismo presente em diversas notícias reforça falsas dicotomias entre “mundo civilizado” e “mundo não civilizado”, democracia x ditadura, heroísmo x terrorismo. O ponto-de-vista predominante costuma ser o dos países hegemônicos. Se, por exemplo, o preço do cobre subir no mercado



internacional, o tom da notícia tende a ser de preocupação dos mercados compradores. Mas para o Chile, o maior produtor de cobre do mundo, a notícia é favorável. O professor deve lembrar aos estudantes o quadro político e econômico do Brasil no cenário internacional e estimulá-los a tirar suas próprias conclusões. Não se trata de indução, mas de incentivo à reflexão. Jornalista que não reflete sobre o próprio trabalho deve mudar de profissão.

Sobre os jargões profissionais, o repórter precisa entender de que se trata. Engenheiros civis chamam viaduto de “obra de arte”, médicos falam em “êxito letal” para morte e certos policiais militares ainda se referem a pessoas como “elementos”, mas isso não significa que o jornalista vá escrever assim no título, escalada ou chamada de bloco.

*OBRA DE ARTE DESPENCA EM MADUREIRA E*

*PROVOCA ÊXITO LETAL EM 10 ELEMENTOS*

O conceito de agenda setting (teoria do agendamento), desenvolvido nos anos 70 pelos pesquisadores estadunidenses Maxwell McCombs e Donald Shaw, ajuda a compreender por que determinados temas aparecem e desaparecem do noticiário num lapso de tempo. A mídia hegemônica determina os assuntos em destaque, mas não necessariamente o que as pessoas pensam sobre aquele tema. Hoje vivemos uma disputa ferrenha por corações e mentes nas redes sociais, que muitas vezes pautam a mídia. Essa batalha ainda é muito recente para visualizar tendências, mas o professor de Jornalismo precisa estar atento para debater as consequências desta nova forma de consumo de informação sem a intermediação do profissional de comunicação.

Partindo do princípio de que a formação profissional vai além da sala de aula, vale indicar aos alunos filmes que tenham a imprensa e os jornalistas como protagonistas, coadjuvantes relevantes ou que retratem momentos marcantes da História e que tenham desdobramento nos tempos atuais. Episódios reais de sensacionalismo e invasão de privacidade, como os



JORNALISMO



focalizados em *A montanha dos sete abutres*, *Ausência de malícia* e *A honra perdida de Katharina Blum* ajudam a balizar os limites do jornalismo. Os filmes estimulam a reflexão sobre o cotidiano e os desafios da atividade jornalística. Mas deve-se alertar para o excesso de glamourização de certos longas-metragens. Na vida real, em 90% dos casos o resultado do trabalho do repórter de impresso é anônimo e em 100% deles, coletivo. No telejornalismo e no radiojornalismo, a atuação ganha mais projeção, mas é bom lembrar que, na passagem e nas sonoras, o repórter não deve aparecer mais que a notícia.

No momento em que o visual norteia cada vez mais o cotidiano das pessoas, os cursos de Jornalismo devem intensificar as disciplinas que tratam a imagem como elemento primordial de informação, e não apenas como suporte do texto. É preciso ensinar os pontos fortes da imagem, como a diagonal da linha áurea, o plano geral, o segundo e o terceiro planos, o *stand up* do repórter com a imagem ao fundo, a panorâmica da esquerda para a direita, o tempo da sonora de TV e do *big close* em momentos dramáticos, que dependendo do caso pode significar invasão de privacidade.

Certos filmes representam verdadeiras aulas de linguagem visual, como enquadramento, plano-sequência e efeitos cinematográficos. O longa-metragem *O baile*, do diretor italiano Ettore Scola – sem um diálogo sequer – explora os recursos da expressão facial e corporal de atores, figurino, cenário, trilha sonora, a luz e o silêncio, para contar uma história que se passa em Paris ao longo de três décadas.

A televisão – e o telejornalismo não é exceção – inspirou-se muito no cinema. Curiosamente, só fui aprender estes conceitos quase 10 anos depois de formado, trabalhando como editor na TV Educativa e após na TV Globo.

Cidadão Kane	Orson Welles	1941
A montanha dos sete		



JORNALISMO | ESPM

abutres	Billy Wilder	1951
Terra em Transe	Glauber Rocha	1967
O caso Mattei	Francesco Rossi	1972
A honra perdida de Katharina Blum	Margarethe von Trotta	1975
Todos os homens do presidente	Alan Pakula	1976
Ausência de malícia	Sidney Pollak	1981
Memórias do cárcere	Nelson Pereira dos Santos	1983
O baile	Ettore Scola	1983
Radio days	Woody Allen	1987
Nos bastidores da notícia	James Brooks	1087
Spotlight	Tom McCarthy	2015
The Post, a guerra secreta	Steven Spielberg	2017

No jornalismo econômico, os números relativos não podem ser confundidos com os números absolutos. Se a inflação do ano anterior não passar de 3% e no ano seguinte saltar para 6%, o crescimento será de 3 pontos percentuais, mas em termos absolutos a inflação terá dobrado, portanto terá alcançado 100%. No plano da estatística, às vezes o número modal – aquele que



mais se repete – reflete melhor a realidade social do que a média. Num país em que 80% da renda estão nas mãos de 1% das famílias, é mais informativo dizer que 50% da população economicamente ativa ganham até três salários mínimos. Ou ainda: se num quarteirão com apenas duas casas – de um lado da rua uma mansão, do outro um casebre – a família da mansão comer filé mignon diariamente e a família do casebre só consumir frango, o resultado médio será de consumo de filé em metade da semana. Essas comparações são vitais num país com dimensões continentais e desigualdades do mesmo tamanho. Também é importante não confundir prejuízo com perda de arrecadação. Se uma cidade for atingida por um temporal que obrigou o fechamento das lojas, podemos ter duas situações. Se houver inundação e afetar o estoque, haverá prejuízo, mas se as lojas apenas permanecerem fechadas, teremos perda de arrecadação.

O domínio de línguas estrangeiras é outra ferramenta importante para o exercício profissional. Quanto mais idiomas, maior o potencial de fontes e, portanto, de informações diversificadas, assim como a possibilidade de buscar novas ofertas de trabalho no exterior. Saber falar inglês, espanhol e francês ampliam o leque de ação do repórter, mas é preciso reconhecer que poucas faculdades no país oferecem estas alternativas.

Cito aqui um episódio em que o domínio de um idioma pouco difundido foi vital para garantir a entrevista. Em 2015, quando o filósofo Zygmunt Bauman esteve no Brasil, a equipe do programa Observatório da Imprensa marcou uma entrevista que seria realizada pelo jornalista Alberto Dines. Poucas horas antes os organizadores da vinda de Bauman ao Rio de Janeiro tentaram desmarcar; Dines foi ao local e, ao se encontrar com o filósofo no corredor, dirigiu-lhe algumas palavras em polonês. Resultado: entrevista confirmada.

### **Desafios da profissão**

Criado em 1947 na Faculdade Casper Líbero, em São Paulo, depois reformulado com a criação do curso de Comunicação Social em 1968, e mais recentemente com a autonomia do curso de Jornalismo, o magistério superior da área enfrenta hoje as transformações nas rotinas de produção da atividade



jornalística, seja pelas mudanças impostas pela tecnologia, seja pela perda do monopólio do direito de informar, com o crescimento das redes sociais.

Tão ou mais importante que transmitir notícias pelas mais diferentes plataformas, o ato de selecionar, contextualizar e referenciar a informação sobressai como desafio do jornalista profissional. Consequentemente, este desafio deve ser abraçado pelo professor de Jornalismo. É preciso conhecer os hábitos de consumo de informação preferenciais deste jovem que ingressa na universidade entre 17 e 20 anos, com uma bagagem cultural, de domínio de linguagens, tecnologia e conhecimentos gerais, e raramente lê jornal impresso. É imprescindível conhecer fatos relevantes da História, personagens e momentos marcantes da vida política do país e do mundo. Quem ignora corre o risco de se ver envolvido em narrativas e ações que, sob a capa da novidade e do modismo, na verdade são repetições de retóricas discursivas esquecidas no tempo. Estas repetições costumam estar presentes no discurso de governantes, parlamentares, clérigos, ativistas políticos, líderes sindicais e gurus em evidência. Se é mesmo verdade que a História se repete como farsa, como afirma Marx em “18 Brumário”, os jornalistas precisam identificar e qualificar as narrativas das fontes, para poder contextualizá-las. <sup>6</sup>

### Perfis mutantes

Em 39 anos de magistério superior de Jornalismo (1980-2019), vale citar as mudanças de perfil dos estudantes e também dos docentes na universidade. No início da década de 80, muitos alunos ingressantes trabalhavam em outras atividades e tinham dificuldade para conciliar o emprego e a universidade. Muitos tropeçavam na ortografia, na concordância verbal, na crase e na pontuação. Alguns tinham dificuldade para datilografar. No entanto

---

<sup>6</sup> O que Marx diz no *18 Brumário* é: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. (da edição dos *Pensadores*)]



JORNALISMO



demonstravam bons conhecimentos gerais, sobretudo dos episódios recentes da História do Brasil, da Política e de Sociologia.

Nos últimos anos a quase totalidade dos ingressantes sai diretamente do ensino médio para a universidade e não exerce outro ofício. Dominam com destreza a língua portuguesa, salvo a crase e a acentuação, mas desconhecem episódios da História durante o regime civil-militar e o processo de redemocratização do país.

No entanto, não se deve atribuir a responsabilidade a estes jovens. A precarização do mercado de trabalho para profissionais ingressantes, e particularmente na área de comunicação social, revela-se extremamente preocupante, não apenas pela falta de opção, mas pelas condições de trabalho oferecidas. As transformações tecnológicas e as mudanças no padrão de consumo de informação têm contribuído para reduzir substancialmente os postos de trabalho na área de comunicação. Vivemos o período da “uberização” do mercado e a universidade não deve virar as costas para esta realidade, com receio de que tratar o tema de forma objetiva em sala de aula vá contribuir para aumentar a evasão escolar.

### **Confesso que vivi**

Universidade Federal Fluminense, Niterói. Março de 1980. O País respira novos ares com o processo de redemocratização. A Lei da Anistia, promulgada em setembro do ano anterior, trouxe de volta muita gente que partira num rabo de foguete. Aquecem-se os anseios pelo direito à participação. Fervem os debates políticos. A universidade ressurgiu das cinzas como fênix e sonha em voar alto à procura do tempo perdido.

Na UFF, as primeiras disciplinas foram Jornalismo de Revista (7º período) e Redação e Edição (8º período). Alguns alunos tinham mais idade do que eu, o que me obrigava a contornar constrangimentos. Diversos estudantes já trabalhavam, com carteira assinada, em veículos da imprensa e viam no curso, mais do que uma formação técnico-acadêmica, um meio de regularização



JORNALISMO





profissional. A faixa etária média era bem mais alta do que a dos tempos atuais. Entre os que não trabalhavam na imprensa, a maioria chegava com um texto sofrível, mas apresentava bagagem cultural de nível superior.

Em 1984, fiz especialização em curso da Radio Nederland Training Centre e do Ciespal (Centro de Estudos Superiores em Comunicação para a América Latina), em Quito, Equador, durante três meses. O curso abriu a cabeça pragmática deste redator de notícias para o potencial do rádio como instrumento de transformação da sociedade por meio da educação.

De volta ao Brasil, ingressei no **Globo** como repórter especial na editoria de Cidade. Outra boa experiência pela oportunidade de conhecer rotinas de produção diferentes das que estava acostumado no **Jornal do Brasil**, onde comecei como estagiário no quarto período do curso.

É curioso como soa aparentemente natural a integração entre a atividade jornalística e a formação acadêmica. Mas só aparentemente porque as redações, principalmente hoje, não costumam abrir espaço para o debate sobre o tipo de jornalismo praticado. Pena porque o fazer e o pensar caminham de mãos dadas em qualquer profissão baseada na produção de bens simbólicos. Fazer sem pensar é repetir-se no tempo. Por outro lado, quem pensa a realidade social sem a experiência do fazer corre o risco de resvalar para o campo das utopias.

As observações ajudam a destacar a importância do aperfeiçoamento em qualquer atividade intelectual, inclusive no magistério. Em tempos de mudança brusca do processo tecnológico, essa transição mostra-se indispensável. Do contrário, o professor torna-se dependente tecnologicamente do aluno, que domina as ferramentas com mais habilidade.

De 1980 a 1987, o regime de trabalho na UFF era de tempo parcial, conciliando a atividade docente e o mercado profissional de jornalismo. O esforço exigia vários deslocamentos, mas trouxe vasta experiência. Tive a chance de trabalhar em jornal impresso, rádio, TV, revista segmentada e assessoria de



JORNALISMO | ESPM

imprensa. A experiência deu-me segurança em sala de aula para replicar conhecimento e propor novas alternativas de linguagem em *Jornal Laboratório*.

Junto com os alunos de Técnica de Redação, criamos o *Saci* – “o jornal com um pé no chão”, um *fanzine* no formato meio ofício dobrado na vertical. A ideia era tratar de temas polêmicos do IACS em linguagem jornalística, mas com uma pitada de humor sempre que possível. Assumi cargos de chefia na UFF, concluí o mestrado e o doutorado e intensifiquei os estudos sobre o jornalismo dos ponto-de-vista histórico e de linguagem. Parodiando o poeta Pablo Neruda, confesso que vivi intensamente a universidade e o jornalismo.

### **O drama no rádio**

Este trecho do artigo apresenta um relato descritivo da experiência de lecionar para estudantes de Jornalismo, Publicidade, Cinema e Letras processos de produção e criação de textos dramatizados baseados na oralidade. O objetivo é mostrar que o domínio de técnicas de redação para meios audiovisuais amplia o horizonte, mesclando informação e ficção no conteúdo veiculado em produções laboratoriais. Trabalhar a oralidade implica despojar-se dos padrões rígidos da escrita e mergulhar na palavra falada e nos efeitos de sentido que ela desperta. Busca-se não a informalidade propriamente dita, mas um simulacro de informalidade, um *faz-de-conta* que combina as regras do idioma com a língua falada nas ruas.

Na mensagem radiofônica, os signos compreendem, além da palavra, a interpretação, os efeitos sonoros, a música e a pausa do enunciado. As recomendações de Mário Kaplún e Walter Ouro Alves foram fundamentais para orientar os estudantes na escolha de temas, redação dos textos, elaboração de roteiros, seleção de trilhas sonoras, efeitos e vinhetas, além da gravação. O pensamento crítico de Paulo Freire e Juan Diaz Bordenave norteia a proposta pedagógica na direção de uma educação problematizadora, que leva o aluno a lançar questões que estimulem a reflexão sobre a realidade do ouvinte.

Mais do que aprender coisas, o que importa é levar o sujeito a aprender a aprender, que se torne capaz de avaliar por sua própria conta e ‘superar as



JORNALISMO

ESPM



JORNALISMO | ESPM

constatações puramente empíricas e imediatas dos fatos observados e desenvolver sua própria capacidade dedutiva. (KAPLÚN, p. 39).

E arremata Kaplún: “O adulto carente de educação necessita, não apenas de conhecimentos, mas também de instrumentos para pensar”. Em um programa de rádio, o primeiro idioma – a palavra – conduz a narrativa. Alves (1982) observa que as palavras têm peso, forma, cor, textura, ritmo e poder. O uso adequado ajuda a desenhar um cenário e compor um mundo visual que nos permite viajar na imaginação. Nossa imaginação é capaz de improvisar sobre a forma básica das coisas, emprestando a elas nosso toque. Este mundo subjetivo conta, em seu nível mais básico, com imagens primordiais que atingem o inconsciente. Quando um escritor senta-se para escrever, ingressa em um mundo em que a matéria-prima se constitui da essência dos sonhos [...] Desenvolver a capacidade de interpretar estes elementos é a primeira tarefa quando se deseja criar algo relevante para a audiência. (ALVES, p. 11).

Aqui não há a intenção de apresentar um manual de produção de programas radiofônicos dramatizados, mas trazer considerações, conceituais e técnicas a quem pretende enveredar por este caminho que mistura realidade e ficção. O relato de experiências oferece duas perspectivas: ajuda a refletir sobre as práticas laboratoriais e recupera um dos papéis da universidade, a experimentação. As 7 aulas de Técnica de Radiodrama tornaram possível realizar experimentações como poucas vezes tive chance.

A disciplina estimula a imaginação dos alunos ao propor desafios de elaboração de roteiros de pequenas produções dramatizadas, gravadas pelos próprios estudantes no estúdio do Instituto de Arte e Comunicação Social. Esquetes sobre a importância de se tomar vacina contra o vírus HPV, sobre histórias de marchinhas de carnaval, as consequências de uma greve prolongada para os serviços da universidade pública, o assédio sexual e a exploração de adolescentes, o conflito de gerações entre três personagens conhecidos como o

<sup>7</sup> Kaplún, Mario. Producción de programas de rádio, Quito, Intyian, Ciespal, 3ª edição, 2006, p. 39.



JORNALISMO



rádio, a televisão e o celular. O cotidiano oferece um leque interminável de temas que inspiram histórias a dois ou três personagens.

A dramatização pode oferecer um conteúdo educativo se apresentar polêmicas que despertem o debate. Não se deve fechar a conclusão, mas usar o programa como ponto de partida, de acordo com a realidade de cada ouvinte e de cada comunidade. Uma das dificuldades é fazer com que o aluno aprenda a escrever para ser ouvido e não para ser lido. Isso porque as aulas de redação nos ensinos fundamental e médio estimulam o aluno a escrever textos para serem lidos. A tradição oral se restringe aos conceitos e opiniões emitidos pelo professor. Mesmo nos cursos universitários, escrevemos para leitores; raramente para ouvintes. Escrever para ser ouvido. Este aprendizado pressupõe um novo desafio. A mudança de um paradigma de linguagem, que segue a tendência de predomínio da linguagem oral sobre a escrita. Estão aí os *podcasts*. Mas essa é outra história para outro artigo.

### **Professor, um condutor de caminhos**

Afinal, com as mudanças de consumo de informação a partir da internet, as redes sociais e a perda do monopólio por parte dos jornalistas, qual o papel do professor de Jornalismo? Como ensinar algo que está em processo acelerado de transformação? Como ensinar verdades num mundo repleto de dúvidas?

A resposta não é fácil. O tradicional descompasso entre o tempo da academia e o do mercado de trabalho é um obstáculo a vencer. Cabe ao professor acompanhar essas mudanças e levá-las ao debate em sala de aula, buscar exemplos de experiências editoriais bem sucedidas e fracassos retumbantes, discutir as causas, enfim pensar o jornalismo como atividade mutante e ao mesmo tempo fascinante. Também devem ser incorporadas às aulas inovações tecnológicas que aproximem mestres e jornalistas, academia, mercado e entidades de classe, como os sindicatos e instituições de pesquisa. As teleconferências podem facilitar essa aproximação. Os celulares, quando bem utilizados, servem de instrumento de apoio a consultas. Tudo que leve estudante



JORNALISMO





JORNALISMO



e professor a construírem juntos um processo de reflexão sobre o mundo em que vivemos e aquele que existirá quando o professor não estiver mais aqui.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Walter Ouro. **La cocina electrónica**. Quito, Ciespal, 1986.

BALDIVIA, José; PLANET, Mario; SOLIS, Javier; RIVAS, Tomás Guerra. **La formación de los periodistas en América Latina (México, Chile y Costa Rica)**, Ciudad de México, Editorial Nueva Imagen, 1981.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Lisboa, Edições 70, 1975.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de rádio: el guón, la realización**. Quito, Colección Intiyan, Ciespal, 1978.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis, Vozes, 1980

PULITZER, Joseph. **Sobre el periodismo**. Madrid, Gallo Nero, 2011, edição original The school of Journalism in Columbia University, the power of public opinion

RAMOS, Roberto. **Roland Barthes: Semiologia, mídia e fait divers**. Porto Alegre, Revista Famecos, PUCRS, número 14, abril de 2001.

ROSSI, Clovis. **Vale a pena ser jornalista?**, Coleção Profissões, São Paulo, Moderna, 1986.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, Summus, 1986

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, Unisinos, 2002



JORNALISMO

